*“Vamos imaginar a seguinte situação, uma criança está a brincar com um carrinho... aquele carrinho novo da escola que tinha estado nas mãos de outro menino e só agora teve a oportunidade de agarrar. Começa a estudar e a experimentar o brinquedo e simultaneamente começa a sentir o seu entusiasmo crescer com a descoberta e com a experimentação. Agora, aproxima-se outra criança também ela interessada no brinquedo (que ainda por cima é novo!) e começa a tentar tirar-lho (porque não? Encontra-se em plena fase de "quero, posso e mando", certo?). Perante essa situação, poderíamos imaginar um diálogo entre as duas crianças:*

*- Este brinquedo é muito giro, fiquei muito tempo à espera de o ter. Quero brincar com ele mais um bocadinho.*

*- Estou mesmo na fase em que estou a descobrir as coisas todas que dá para fazer com ele. Ainda por cima, ainda não aprendi a partilhar. Se mo tentares tirares, vou ficar muito zangada.*

*- Eu também quero experimentar esse brinquedo. Parece giro e divertido. Principalmente porque te vejo tão feliz com ele. Ainda não aprendi a esperar e, quando tenho que esperar por alguma coisa, fico muito irritado. Vou ficar zangado se não mo deixares agarrar.*

*Qual é o diálogo possível? Uma criança diz Não!. A outra insiste Quero!. Resultado? Uns empurrões, uma dentada e choro! Tudo em poucos minutos (às vezes menos). Nesta fase, o uso de força física substitui a comunicação oral, que ainda não consegue acompanhar o raciocínio e as emoções.”*

**Porque é que acontece?**

Entre os 12 e os 24 meses, a criança encontra-se em plena fase de omnipotência, acreditando que é o centro do mundo. O mais importante da vida, é a gratificação dos seus desejos e necessidades físicas e psicológicas.

Aliado à fase de descoberta, curiosidade e enorme aprendizagem em que se encontra, partilhar os objectos de interesse torna-se uma tarefa quase impossível. Por outro lado, os estados emocionais são para ela ainda um mistério. E ainda não consegue expressar zanga e frustração sem ser através de intensas birras ou de comportamentos que aos nossos olhos parecem muito agressivos. Todos estes factores combinados, fazem da dentada, dos empurrões e/ou aranhões a forma possível da criança se expressar em determinados momentos.

Se dói a quem recebe a dentada? Dói. Mas o objectivo da criança não é necessariamente atingir o outro, mas apenas libertar ou manifestar o que está em si.

Em "O Grande Livro dos Medos e das Birras", o pediatra Mário Cordeiro explica as dificuldades de expressão na criança e as suas consequências no comportamento referindo que "a linguagem receptiva média de uma criança com 2 anos é de milhares de palavras, enquanto a linguagem expressiva é de apenas 150 a 200 palavras. Só este dado causaria uma enorme frustração (um pouco à semelhança dos adultos que perdem a fala por qualquer razão). Tentar responder a uma frase complexa, que é entendida pelo bebé, mas não tendo vocabulário suficiente ou imaginação gramatical para poder expressar os sentimentos ou verbalizar o que quer dizer, é muito traumatizante. E, falhando a linguagem verbal, só resta a linguagem corporal... agravado pelo desatino que existe pela nova frustração de não poder expressar verbalmente o que desejaria dizer." (Mário Cordeiro, 2013)

**E da parte dos adultos?**

Antes de mais, é fundamental explicar que aquele comportamento não é adequado e, por isso, quem mordeu deverá naturalmente ouvir um firme e compreensivo NÃO. Por outro lado, será importante assumir o papel de "tradutor" da linguagem corporal, para ambas as criança. Assim, não tendo ainda capacidade para se exprimir nem compreender totalmente os seus estados emocionais, vão interiorizando um modelo alternativo.

Um exemplo seria Não se morde! (introduzimos o interdito). Ficaste zangado porque querias continuar a brincar (damos nome ao estado emocional). Mas não se pode morder porque quando mordemos magoamos o amigo (apresentamos um efeito que não era o pretendido). O teu amigo também queria brincar com o mesmo brinquedo e não conseguiu esperar que acabasses (sem validar, explicamos o outro lado). Porque não tentam brincar juntos? (uma alternativa ao conflito). Claro que a criança não deixa automaticamente de morder (é um processo). E claro que não começa imediatamente a exprimir as emoções. E claro que não começa logo a brincar em conjunto e a partilhar. Nesta fase, trata-se apenas de a ajudar a interiorizar e olhar para a situação de outra forma. Começamos a falar com um bebé muito antes dele ser capaz de nos responder ou reproduzir o nosso discurso, não é? Aqui trata-se de fazer o mesmo. Fundamental será evitar comentários como "és mau", "não brinques mais com ele", etc... Para além de não resolver nada, dá à situação uma carga de culpa, intencionalidade e negativismo que não existe à partida, mas que pode passar a fazer parte das situações seguintes. Desta forma, uma reacção inofensiva e que à partida é normal, pode tornar-se, aí sim, um problema.

Se for uma situação repetida e com uma criança mais crescida (2 a 3 anos) então afastá-la do grupo por uns minutos (2 a 5 minutos) pode ser uma forma de a ajudar a perceber que aquele comportamento não é aceitável. Se for um comportamento persistente e que ultrapasse a vertente de expressão, então talvez tenha chegado o momento dos pais e da equipa conversarem.

**Impedir as mordidas?**

Acreditar que é possível por parte da equipa pedagógica que acompanha o grupo, impedir que isso aconteça é ilusório e muito distante da realidade da interacção infantil. Quando duas crianças pequeninas brincam em conjunto (o que, em certas fases do desenvolvimento, só por si já é uma proeza), uma interacção pacífica muda de "figura" numa fracção de segundos e sem que por vezes seja possível para o adulto prever. Ainda bem que assim o é. Imaginem este mundo, se impedíssemos o Ser Humano de experimentar os seus limites e os do outro, quando ainda é pequeno e sem que isso represente danos de maior para nenhum das partes!

Será assim tão desejável impedir completamente as mordidas, empurrões e aranhões? Imagine, por exemplo, o que é para uma criança confrontar-se com a agressividade dos outros apenas aos 6 anos. Aí, possivelmente já sob a forma de agressão mais elaborada e organizada. Este "ataque feroz" pode passar por um "não gosto de ti", "não quero ser teu amigo", "és gorda ou feia", etc. Uma criança que nunca foi "atacada" não saberia que aquelas acções reflectem muito mais o outro e aquilo que ele está a sentir (zanga, frustração, medo, tristeza) do que a definem a ela. Não tendo levado "dentadas" quando podia, mais tarde, fica a mercê de palavras e comportamentos (potencialmente) devoradores da sua autoestima.

Mais ainda, se crescer sem "morder" ninguém, poderia tardiamente descobrir em si mesma uma agressividade com a qual ela não aprendeu a lidar. Essa agressividade desconhecida pode ser também demasiado pesada para ela carregar. Por um lado, é importante que a criança esteja preparada para receber um ataque mantendo a sua autoestima intacta e, por outro, é fundamental que fique a conhecer os seus limites e aprenda a gerir a sua própria agressividade. Claro que os pais preferem, em certa medida, negar a existência de agressividade nos seus filhos. Mas não esqueçamos que a agressividade tem muitas formas de se manifestar e piores ainda de se não manifestar.

Importante

É frequente nesta fase as crianças adoptarem comportamentos de desafio, quase que como dizendo "por favor morde-me, porque eu não sei ainda até onde posso ir, e também não sei até onde tu podes ir". A saúde leva-os a querer aprender a vida. Isso é tão bom! Assim tenham os adultos a capacidade de entender estas crises, pelo potencial de aprendizagem que trazem à criança. E ambos aprendem que por vezes, este mundo dói, e que, por vezes, fazemos doer o mundo. É por essa razão que, enquanto podemos, o melhor é aprender a defendermo-nos dos outros e de nós mesmos. O nosso presente e o nosso futuro agradecem!

Adaptação de: "Por favor, morde-me!" Compreender e lidar com as dentadas na creche

Ana Guilhas, psicóloga